

JUNTA, Daniel Bueno; LASTÓRIA, Andréa Coelho. Cartografia escolar nos anos iniciais. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

## **CARTOGRAFIA ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS**

Daniel Bueno Junta  
Universidade de São Paulo  
[juntadb@gmail.com](mailto:juntadb@gmail.com)

Andrea Coelho Lastória  
Universidade de São Paulo  
[lastoria@ffclrp.usp.br](mailto:lastoria@ffclrp.usp.br)

### **INTRODUÇÃO**

O texto que se segue apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado, que se encontra em desenvolvimento no programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.

Nesta pesquisa evidenciamos a importância da Cartografia Escolar como uma área do conhecimento que, de acordo com Lastória (2003), se encontra ainda em desenvolvimento e, atualmente, é vista de diferentes perspectivas no âmbito acadêmico e, também, no escolar.

Com o exposto podemos dizer que a Cartografia Escolar pode ser concebida não só como conteúdo, mas também como metodologia de ensino e mesmo como uma ferramenta utilizada para ensinar. É comum também o uso do termo instrumento, usado como sinônimo para ferramenta.

Rios e Rios (2013), por exemplo, explicam que a Cartografia pode ser utilizada como instrumento e por meio desta é possível a formação crítica, de conscientização e de fortalecimento da identidade cultural para o aluno do ensino fundamental. Os autores dizem que “o ato de cartografar a realidade, com base nos seus conhecimentos sociais, culturais, políticos e ambientais torna-lhe um mapeador consciente das relações conflituosas existentes no espaço geográfico” (RIOS e RIOS, 2013, p.85). A Cartografia, nesse sentido, auxilia o sujeito a compreender seu papel como agente produtor do espaço. Sobre tais considerações, os autores acrescentam que:

[...] a cartografia é a forma mais direta e eficaz de representar fenômenos espaciais, sendo o seu uso abrangente, além de servir de suporte às diversas áreas do conhecimento, pois a mesma constrói o seu produto conforme as necessidades apresentadas e o entrega na forma de mapas, único instrumento

capaz de representar em escala o espaço geográfico com informações quantitativas e qualitativas (RIOS e RIOS, 2013, p.85).

O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) para o ensino de Geografia referente aos anos iniciais trata a Cartografia como ferramenta e reconhece a contribuição da linguagem cartográfica “*não apenas para que os alunos venham a compreender e utilizar uma ferramenta básica da Geografia, os mapas, como também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço*” (BRASIL, 1997, p. 79).

Ainda no mesmo documento, tal concepção se destaca nos objetivos gerais de Geografia para o Ensino Fundamental, quando é salientado que é importante “*saber utilizar a linguagem cartográfica para obter informações e representar a espacialidade dos fenômenos geográficos*” (BRASIL, 1997, p. 81).

Castellar e Moraes (2013) esclarecem que a cartografia não pode ser vista apenas como uma simples ferramenta, mas deve ser compreendida como uma verdadeira linguagem e assim sendo, é um meio de comunicação que pode dialogar, inclusive com as outras áreas do conhecimento escolar. Para as referidas autoras, a cartografia, como metodologia da Geografia, viabiliza a construção do conhecimento geográfico. Lança mão das noções de conservação, de quantidade, de volume e de peso para alcançar a compreensão das relações espaciais topológicas, projetivas e euclidianas.

Ainda para as autoras, tais fundamentos contribuem para estruturar um esquema de ação que auxilia a criança na construção progressiva das relações espaciais, objetivando (dentro do plano perceptivo), o desenvolvimento do que ela observa ao seu redor e, ao mesmo tempo, do plano representativo. Castellar e Vilhena (2010) complementam, explicando que quando o aluno chega ao plano do representativo, “*a criança já adquiriu a linguagem e a representação figurada, isto é, a função simbólica em geral. Assim, isso contribuirá para que ela leia e elabore mapas cognitivos e qualquer outro tipo de mapa*” (CASTELLAR e VILHENA, 2010, p.38).

Concordando com Cavalcanti (2002), a cartografia pode ser concebida também como um conteúdo procedimental da Geografia Escolar. De acordo com Zabala (1998), tal conteúdo “*é um conjunto de ações ordenadas e com um fim, quer dizer, dirigidas para a realização de um objetivo. São conteúdos procedimentais: ler, desenhar, observar, calcular, classificar, traduzir, recortar, soltar, inferir, espetar, etc.*” (ZABALA, 1998, p43).

Para Cavalcanti (2002), os mapas devem fazer parte do cotidiano do aluno na escola e não somente das aulas de Geografia. Entendemos, portando, que dentre as

habilidades proporcionadas pela escola, a de mapear e a de leitura de mapas são fundamentais e deveriam ser priorizadas nas práticas escolares brasileiras desde os anos iniciais. A Geografia é, sob nossa ótica, uma área do conhecimento escolar que lança mão da Cartografia e de suas linguagens para melhor desenvolver a espacialidade dos alunos. Por meio da linguagem cartográfica, “o trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, ou seja, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam diretamente ou não, como parte da história social” (CAVALCANTI, 2002, p.12-13).

Partimos da premissa de que o trabalho pedagógico nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pautado na categoria geográfica **lugar**, possibilita o desenvolvimento de práticas educativas, mais significativas. Por meio de um constante ir e vir entre o lugar (local) e o mundial (global) é possível ao professor mediar a construção de conhecimentos que permitam a leitura do mundo de modo mais coerente.

Realizar uma leitura crítica do espaço envolve, sob nossa ótica, um movimento dialético em que o sujeito observa atentamente, as relações que ocorrem em seu entorno, como por exemplo, o bairro em que vive. E a partir dessa observação, é possível fazer reflexões acerca da ocupação do espaço.

Diante do exposto consideramos relevante realizar uma prática de ensino que envolva uma verdadeira reflexão sobre o espaço geográfico e que possibilite ultrapassar a simples leitura de um mapa, contribuindo para um aprendizado que envolva elementos do cotidiano do próprio aluno.

Vendo dessa forma, a Cartografia Escolar possibilita ir além da disciplina de Geografia, podendo ser articulada com todas as outras áreas ensinadas na escola. Mais do que isso, a Cartografia Escolar permite a saída da sala de aula e a articulação de saberes para a construção de um conhecimento que envolve o cotidiano do aluno. Quando o aluno é colocado neste contexto educacional, ele pode conseguir um aprendizado mais significativo e condizente com sua realidade. E isso por sua vez, abre caminho para a compreensão de conceitos mais abstratos, seja da Geografia Escolar, ou de qualquer outra disciplina. Por exemplo, estudar como se dão as relações sociais no bairro da escola, ou mesmo na própria cidade, ajuda a compreender o contexto de outros bairros, de outras cidades do nosso país e, também, de outros países.

Diante do exposto, alguns autores salientam a importância de se buscar valorizar a categoria lugar nas práticas escolares, pois “é possível buscar no contato com os alunos uma valorização dos lugares onde esta escola se encontra, quais são os lugares de

vivência percorridos por eles e como eles concebem outros lugares” (CASTELLAR e MORAES, 2013, p.26). Seguindo essa ideia, as autoras dizem ainda que:

[...] a aprendizagem faz sentido quando o aluno se sente parte do conhecimento e quando faz uso das informações aprendidas, aplicando, por exemplo, conceitos a outras situações distintas das que vivenciou. Neste sentido, o trabalho com a cartografia inicia-se com a observação dos lugares e com desenhos – mapas mentais, representações gráficas ou croquis – que permitem à criança, em um primeiro momento, lidar com a informação obtida pela observação (CASTELLAR e MORAES, 2013, p.30).

A partir de tais contribuições, fica claro a importância da linguagem cartográfica para o desenvolvimento do sujeito, principalmente no que se refere à sua leitura de mundo. Podemos dizer que a linguagem cartográfica, ao propor desenvolver o conhecimento e as relações existentes entre sociedade e natureza que compõe o espaço geográfico, enriquece o ensino de Geografia Escolar em um aprendizado mediado do professor.

O professor, como mediador, possibilita a aprendizagem ativa por parte dos alunos, os quais podem construir conhecimentos embasados sobre seus saberes e experiências advindas do seu cotidiano. Os saberes prévios que os alunos trazem devem ser, portanto, levados em consideração, afinal esses saberes ajudam o professor a conhecer o contexto de seus alunos.

Destacamos ainda outra premissa básica que tomamos como fundamental nessa investigação. Diz respeito a nossa concepção sobre um dos principais objetivos do ensino de Geografia que se relaciona ao espaço geográfico. Este é, ao mesmo tempo, produto da ação social, como também uma condição e um meio para existência humana. Defendemos que por meio da Geografia e da Cartografia Escolar é possível entender o processo de reprodução e transformação social, levando em consideração a cultura e a apropriação dos conhecimentos. O espaço pode, portanto, ser estudado por meio de suas subdivisões ou categorias analíticas. Poderemos aguçar nosso olhar para observar o espaço do ponto de vista geográfico, buscando entendê-lo por meio do próprio território, da região, do lugar e da paisagem.

O espaço, para Santos (2008), é o “resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” (SANTOS, 2008, p.78). Os objetos, sejam naturais ou artificiais, servem de intermediários para a realização das relações, ajudando a concretizá-las. Complementando, Santos diz que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento (SANTOS, 2008, p.28).

Diante do exposto, consideramos relevante trazer algumas considerações acerca das categorias geográficas já mencionadas e suas inter-relações. Elas auxiliam na compreensão, análise e reflexão sobre o espaço geográfico, contribuindo, desta forma, para aguçar a leitura de mundo sobre a qual já discorremos anteriormente. Tais categorias contribuirão para desenvolver uma amplitude de conhecimento que pode partir da própria localidade do aluno. Consideramos pertinente destacar a categoria **lugar**, pois esta tem grande importância para os anos iniciais do ensino fundamental ao envolver o espaço de vivência do aluno.

Neste sentido é colocado que o ser humano, como um ser social, é atrelado à dinâmica do lugar. A sociedade ocupa um lugar no espaço e age sobre esse espaço, modificando-o, ou seja, transformando-o continuamente. Não se pode conceber uma sociedade dissociada do seu espaço. HETKOWSKI, PEREIRA, NASCIMENTO e PEREIRA (2013) destacam que o espaço é social e a dimensão do lugar, ou seja, o espaço vivido, “aparece como um recorte essencial para o entendimento das relações estabelecidas na cidade, conseqüentemente no espaço geográfico” (HETKOWSKI, PEREIRA, NASCIMENTO, PEREIRA, 2013, p.117).

Em concordância com as autoras, o lugar vivenciado pelo aluno é fundamental para possibilitar um aprendizado significativo. É no **lugar** em que o aluno se encontra, diante das ações de seu cotidiano, que ele tem a possibilidade de ver, entender e interpretar as relações que se dão. Complementando, as autoras nos dizem que:

[...] ao apreender o espaço a partir do lugar, permitimos identificar elementos que estão intimamente ligados a identidade e a vivência do sujeito, possibilitando redimensionar a valoração e a relação dos conceitos e conteúdos explorados em sala de aula com a vida cotidiana, ampliando a possibilidade de perceber as transformações do espaço, baseado na percepção e no que é concebido pelos indivíduos (HETKOWSKI, PEREIRA, NASCIMENTO, PEREIRA, 2013, p.117).

As referidas autoras propõem, portanto, compreender o espaço, partindo-se do ponto de vista do lugar. Por meio dele é possível estudar as transformações sociais e espaciais e entender suas relações. Elas explicam que é na dimensão do vivido que podemos identificar a espontaneidade e a criatividade inerentes à condição humana. Assomado e esta compreensão, temos a explicação de Santos (2008) dizendo que com a

produção humana há a produção do espaço e, sendo assim, “*a produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço através dos objetos, naturais e artificiais*” (SANTOS, 2008, p.70).

Lembramos que a categoria **paisagem** é também produto do espaço e revela características do lugar. Santos (2008) explica que “*cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas*” (SANTOS, 2008, p.70-71). E HETKOWSKI, PEREIRA, NASCIMENTO e PEREIRA completam dizendo que:

É no lugar que se concretiza as ações do sujeito sobre o espaço, à medida que se constroem as relações de vivência e pertencimento, as quais fazem do espaço um simulacro composto por singularidades e referências únicas, diretamente dependentes de quem às experimenta, mas que expressam o modo de vida ou a dinâmica de uma sociedade (HETKOWSKI, PEREIRA, NASCIMENTO, PEREIRA, 2013, p.118).

Por isso tornam valiosas as práticas escolares que buscam compreender o espaço geográfico a partir do lugar. A partir do que é vivenciado pelo aluno é possível as observações das diversas paisagens e a reflexão sobre as transformações dos elementos físicos e das estruturas sociais. O professor como mediador do conhecimento pode propor práticas que permitam ao aluno construir conhecimentos acerca das relações que se dão ao alcance do seu olhar, ou seja, práticas que envolvam a categoria paisagem. Oliveira nos ensina que há uma:

[...] necessidade da Geografia escolar de lidar com as subjetividades, de modo que as práticas espaciais de cada um possam ser inseridas e entendidas nas suas relações com as demais práticas e com as materialidades físicas e culturais existentes (desde os prédios de tijolos e cores até as moralidades que restringem ou exigem certos deslocamentos e localizações) (OLIVEIRA, 2011, p.14).

O referido autor diz ainda que “como cada indivíduo e cada grupo social criam uma versão de um lugar” (OLIVEIRA, 2011, p.14), portanto, estudar o lugar envolve o âmbito do subjetivo e do particular. Ele defende que “particularmente, o lugar onde vivemos é permeado de versões, as mais distintas ou semelhantes, normalmente sintonizadas às distinções e semelhanças das práticas sociais ali vivenciadas ou sofridas” (OLIVEIRA, 2011, p.14). Nesta perspectiva do particular, Callai (2005) explica que é interessante realizar investigações acerca da identidade desses lugares

partindo-se do interesse das pessoas que ali vivem, pois “*a cultura, que dá esse conjunto de características às pessoas e aos povos, se expressa no espaço por meio de marcas que configuram as paisagens*” (CALLAI, 2005, p. 243). Complementando, esta autora revela que:

Cada lugar tem uma força, uma energia que lhe é própria e que decorre do que ali acontece. Ela não vem de fora, nem é dada pela natureza. É resultado de uma construção social que se dá na vivência diária dos homens que habitam o lugar, resultado do grau de consciência das pessoas como sujeitos do mundo onde vivem e dos grupos sociais que constituem ao longo de sua trajetória de vida. É resultado do somatório de tempos curtos e de tempos longos que deixam marcas no espaço (CALLAI, 2005, p. 243).

Santos (2008), por sua vez explica que cada **lugar** é a combinação de variáveis de tempos diferentes, não existindo, desta forma um lugar em que tudo seja novo ou onde tudo seja velho. Sendo assim, cada lugar carrega em si uma combinação de elementos com idades diferentes. Complementando, ele diz que “*o arranjo de um lugar, através da aceitação ou rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural...*” (SANTOS, 2008, p.106).

Descobrir a história local e as relações que se deram ali no passado e as relações que ocorrem na atualidade do lugar em que se vive, é conhecer o mundo. É conhecer também a própria história contextualizada e a partir daí é possível realizar reflexões acerca das relações entre o local e o resto do mundo, uma vez que nenhum lugar é neutro e nem completamente isolado. Seguindo o raciocínio apresentado anteriormente, podemos dizer que o lugar onde vivemos faz parte de um todo e é resultado das relações que ali se deram ao longo de sua história e que ainda se encontra em transformação.

Consideramos desta forma, que trazer o cotidiano do aluno para a sala de aula como também fazer relações com outras realidades mais distantes, possibilita realizar uma comparação e essa comparação leva a criança em processo de desenvolvimento escolar, a compreender com mais facilidade, as propostas e objetivos apresentados pela Geografia Escolar.

Castellar e Morais (2013), explicam que para a criança se tornar uma leitora do lugar, é preciso ir além de um simples registro da compreensão, do que se entendeu de determinado lugar. É preciso realizar um processo metodológico que conduza o aluno a fazer observação e a identificação das semelhanças e diferenças entre dois lugares. Concordando com as autoras consideramos a por meio da Geografia Escolar, e mais

especificamente da cartografia como uma de suas metodologias, é possível tornar o aluno um bom leitor do seu lugar, dentre outros objetivos.

Castellar e Moraes (2013) dizem que a Geografia Escolar é fundamental para se desenvolver uma consciência geográfica, podemos dizer que a leitura de mundo se faz, principalmente, por esse caminho de consciência. Para nós a linguagem cartográfica é imprescindível para essa aprendizagem, ou seja, para saber ler o mundo que é dinâmico e se faz e refaz incessantemente dentro do espaço-tempo. Nas palavras das autoras:

O fundamental para a Geografia escolar é possibilitar ao aluno uma aprendizagem no sentido da consciência geográfica, entendendo a localização dos lugares e fenômenos e, a partir disso, podendo raciocinar geograficamente, compreendendo a ordenação territorial, a espacialidade e/ou a territorialidade dos fenômenos a escala social de análise. Os conceitos geográficos devem ser considerados permeados pela dinâmica da sociedade, porque quaisquer que sejam as opções metodológicas, elas devem proporcionar ao aluno condições para ler o mundo (CASTELLAR E MORAES, 2013, p.34).

Portanto, práticas educativas que envolvam a própria localidade com o intuito de desenvolver um ensino voltado para a compreensão das relações que se dão no espaço geográfico são práticas que se aproximam de um ensino mais significativo. Um ensino que faz sentido para o aluno, pois está permeado da vida que se passa ao seu redor.

Conforme já exposto anteriormente um dos objetivos da Geografia Escolar é proporcionar a possibilidade de realização de uma leitura crítica do espaço geográfico. É o que muitos pesquisadores chamam de leitura de mundo. Essa leitura envolve um movimento dialético no qual o sujeito observa atentamente e a partir disso pode fazer reflexões acerca das relações que ali se dão. Quando há reflexão sobre o espaço há a possibilidade de novo entendimento sobre o mundo. Um constante movimento que não pode ser reduzido a uma simples “decodificação” de símbolos contidos em um mapa. A reflexão sobre o espaço ultrapassa o uso do mapa como uma simples ferramenta de localização. Entendemos que trabalhar uma prática escolar que envolve a compreensão do espaço, em um aprendizado que contribui para realizar uma leitura de mundo, significa estar pautado no cotidiano do próprio aluno dos anos iniciais. Com o exposto, podemos dizer, em concordância com Straforini, que:

[...] A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do



inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento (STRAFORINI, 2004, p.51).

Sendo assim, compreendemos que um dos principais papéis da Geografia Escolar é possibilitar o desenvolvimento da cidadania, por meio da compreensão do espaço geográfico e das realizações que nele se dão, “*não como algo estático que existe só para ser descrito, mas como uma realidade que está sendo construída*” pelo ser humano (STRAFORINI, 2004, p.52). Tais papéis estão, ao nosso ver, relacionados ao ensino da cartografia e, mais especificamente, envolvem o ensino do mapa e pelo mapa. Para Matinelli (2011), o ensino do mapa está relacionado à construção da noção de espaço e suas representações, isto é, o ensino das cores, das linhas, dos pontos, da legenda, enfim de toda a simbologia relacionada ao próprio mapa (é o ensino de como entender e utilizar o mapa). Quanto ao ensino pelo mapa, o referido autor explica que, envolve conhecer o mundo, pelo que é vivenciado pelo aluno a partir do seu lugar. Entendemos, portanto, que o ensino pelo mapa contribui para realizar uma leitura de mundo a que, do nosso ponto de vista, se torna mais significativa com o envolvimento da categoria **lugar**.

## **OBJETIVOS**

O objetivo geral desta pesquisa é realizar um estudo dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos em Programas de Pós-Graduação (credenciados pela CAPES na área de Educação e/ou Geografia), que foram defendidos no Brasil, entre os anos de 2003 a 2013 e que versam sobre o campo do conhecimento da Cartografia Escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Com o exposto, esclarecemos que os objetivos específicos da investigação são: Realizar um levantamento das teses e dissertações que versam sobre Cartografia Escolar no período entre 2003 a 2013; Catalogar os trabalhos levantados de acordo com categorias propostas; Discutir sobre as teses e dissertações levantadas no que confere às categorias propostas; Dissertar sobre a produção acadêmica brasileira no que se refere à Cartografia Escolar nos anos iniciais.

## **METODOLOGIAS**

A caracterização dos trabalhos selecionados será feita por meio de algumas categorias por nós elaboradas.

Nossa investigação procura responder à seguinte pergunta norteadora: o que foi produzido, pelas investigações brasileiras, sobre Cartografia Escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental nos últimos dez anos?

A partir desta questão central, pretendemos ainda apresentar as teses e dissertações levantadas tendo em vista suas características principais que dizem respeito a autoria, ao local onde foram desenvolvidas, ao referencial teórico-metodológico, ao ano em que foram defendidas e, ainda, aos seus principais objetivos.

Diante do exposto, é necessário destacarmos que as teses e dissertações foram levantadas no período entre dezembro de 2013 a maio de 2014 pelo: Catálogo Geral da biblioteca da Universidade de São Paulo (USP); Acervo Geral da Universidade Estadual Paulista (UNESP); Banco de Teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Com este levantamento, buscamos “mapear” as principais características, dos trabalhos relacionados a fim de responder que aspectos, que eixos ou dimensões vem sendo destacados e privilegiados nos referidos estudos que compõe a produção acadêmica brasileira.

Trata-se, portanto, de uma investigação de caráter bibliográfico, sua metodologia tem contornos de natureza quanti-qualitativa. Adjacente a estes fatores, nosso trabalho também pode ser classificado como descritivo analítico, pois além da descrição dos trabalhos, serão realizadas análises de algumas categorias que julgamos importantes para uma melhor compreensão da área, como por exemplo, a própria definição e denominação de Cartografia Escolar.

A investigação pode ser considerada um “estado do conhecimento” a respeito da produção brasileira que envolve Cartografia Escolar nos anos iniciais do ensino fundamental.

## **RESULTADOS PRELIMINARES**

Até o presente momento da escrita deste texto, selecionamos treze trabalhos do total levantado e estudado. Tais trabalhos foram defendidos em diferentes programas de Pós-Graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado) são apresentados a seguir:

A tese de Waldiney Gomes de Aguiar (2013) intitulado “*O processo de aprendizagem da cartografia escolar por meio da situação didática*”, versa sobre Cartografia Escolar utilizando a concepção de alfabetização cartografia. Sua pesquisa envolveu um 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental e foi desenvolvida junto a docentes levando em consideração suas práticas em sala de aula. Teve como objetivo principal observar como se davam as práticas docentes.

O trabalho de Raquel Alves Fonseca (2010), intitulado “*Uso do Google Maps como recurso didático para mapeamento do espaço local por crianças do Ensino Fundamental da cidade de Ouro Fino/MG*”, buscou verificar a construção dos conceitos de localização e orientação, a partir do uso do computador e da internet como mediadores. Objetivou verificar o uso do computador como uma ferramenta para construção do trajeto casa-escola. Tal atividade foi realizada com alunos de um 5º ano do Ensino Fundamental.

A tese de Andrea Coelho Lastória (2003), “*Aprendizagem profissional de professores do ensino fundamental: o projeto atlas*”, descreve e analisa as aprendizagens profissionais de docentes envolvidos num projeto anterior que priorizou a construção e o desenvolvimento de três atlas escolares municipais. A pesquisa procurou evidenciar os diferentes tipos de aprendizagens docentes (conhecimentos sobre a área específica de cada professor, sobre o ensino dessa área específica e conhecimentos profissionais gerais) e a forma como tais aprendizagens foram construídas. O trabalho envolve a formação continuada de professores, pois práticas escolares com os referidos atlas foram desenvolvidas nos anos iniciais do ensino fundamental.

O trabalho de Adriano Rodrigo Oliveira (2003) cujo título é “*A cartografia escolar e as práticas docentes nas séries iniciais do ensino fundamental*”, procurou identificar e analisar as práticas desenvolvidas por professoras das séries iniciais do ensino fundamental com o objetivo de promover o ensino de conteúdos específicos destas séries por meio do uso de mapas municipais.

A tese intitulada “*Corrida de orientação: uma proposta metodológica para o ensino da Geografia e da Cartografia*”, de Elka Paccelli Scherma (2010), tendo como foco os anos iniciais do Ensino Fundamental objetivou apresentar uma proposta metodológica para o ensino e aprendizagem da linguagem cartográfica utilizando-se de um esporte denominado por Desporto de Orientação.

Leiko Nemoto de Barcellos Ferreira (2012), *“Alfabetização cartográfica e formação do professor um aprendizado significativo”*, objetivou a realização de um estudo sobre os saberes relacionados à alfabetização cartográfica nas séries iniciais do Ensino Fundamental, dando certa importância ao trabalho do professor como mediador.

No trabalho de Odelfa Rosa, *“Geografia e Pedagogia: o professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental em Catalão (GO)”*, a autora deixa claro que tem intuito *“contribuir para as discussões acerca da alfabetização cartográfica com os estudantes pedagogos, no sentido de obter uma melhoria da qualidade do ensino da disciplina de Geografia na primeira fase do ensino fundamental”* (ROSA, 2008, p.201). Um dos pontos iniciais de sua tese aponta sobre a importância da Cartografia Escolar no que se refere às relações do homem com o espaço geográfico.

Elizabeth de Souza Machado-Hess (2012), no seu trabalho, *“Uma proposta metodológica para a elaboração de Atlas Escolares para os anos iniciais do Ensino Fundamental: o exemplo do município de Sorocaba – SP”*, ao trazer uma proposta metodológica para a elaboração de Atlas Escolares para o conhecimento do local, contribui também com o ensino e a aprendizagem da linguagem cartográfica para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Rafaela Locali (2008), com o trabalho intitulado *“Práticas docentes sobre ensino do lugar e cartografia escolar no contexto de uma pesquisa colaborativa: processos de uma construção”* desenvolve uma pesquisa de mestrado que tem como um de seus objetivos compreender os limites e possibilidades de um grupo de professores no que se refere às suas práticas escolares para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

A pesquisa de mestrado de Alexander da Silva Lima (2013), intitulado de *“Atlas escolar de Sumaré (SP): os saberes produzidos nas práticas pedagógicas cotidianas de uma professora do 4º ano do Ensino Fundamental”*, versa sobre as práticas escolares desenvolvidas por uma professora de quarto ano do Ensino Fundamental para ministrar o ensino de Geografia por meio do uso do Atlas Escolar Municipal de Sumaré (SP).

O trabalho de Sonia Maria Munhões Romano (2004), *“A formação docente e a construção do conceito cartográfico”* apresenta uma investigação realizada em séries iniciais do Ensino Fundamental que envolveu quinze professoras perpassando sobre a importância de se adquirir os conceitos cartográficos, apresentando uma investigação acerca da alfabetização cartográfica.

O trabalho de Tania Maria Ferreira Targino (2005), *“Aquisição de conceitos cartográficos a partir do trabalho com o atlas escolar da cidade do Rio de Janeiro”*, procura demonstrar a contribuição que o uso do Atlas Escolar da Cidade do Rio de Janeiro, traz para a aquisição de conceitos cartográficos em séries iniciais do Ensino Fundamental.

O trabalho de Katherine Cilae Benedict (2012), *“Nas tramas das teias cartográficas: Cartografia com Crianças”*, a partir de uma perspectiva histórico-cultural, estudou os processos de surgimento de noções cartográficas e de percepção, objetivando compreender o entendimento da criança sobre as relações e representações espaciais. Uma das perguntas norteadoras do seu trabalho envolve a questão de como as crianças apresentam os saberes cartográficos em suas relações com os adultos e outras crianças.

Salientamos que esses foram os trabalhos selecionados até o presente momento, pois ainda continuamos buscando outras possíveis investigações que possam fazer parte do escopo da pesquisa.

## **CONSIDERAÇÕES**

Com a seleção dos trabalhos levantados em nossa pesquisa até o momento, podemos fazer alguns apontamentos, sem a intenção de apresentar resultados parciais ou mesmo conclusivos.

Sobre o aporte teórico, os trabalhos selecionados apresentam os seguintes autores de referência na área da Geografia e da Cartografia: Milton Santos, Ana Fani Alessandri Carlos, Maria Elena Simielli, Janine G. Le Sann, Yves Lacoste, Jacques Bertin, dentre outros.

Quanto à abordagem metodológica utilizada, os autores mais comuns encontrados nos trabalhos listados são: Menga Ludke, Marlí André, Bernadete A. Gatti, Robert Bogdan e Sari Biklen.

Duas abordagens teóricas embasam os estudos e conhecimentos acerca do desenvolvimento cognitivo do sujeito. São elas: a sócio-histórica, de Lev Semenovitch Vygotsky e os estudos de Jean Piaget e colaboradores.

Quanto à formação de professores, Didática e Pedagogia, encontramos com certa frequência, abordagens que levam em conta os estudos de autores como Paulo Freire, Philippe Perrenout, Maurice Tardif, Francisco Rodriguez Lestegás, dentre outros.

Dentre os pesquisadores brasileiros que realizam investigações na interface das áreas da Geografia e da Cartografia, os mais citados são: Rosângela Doin de Almeida, Elza Yasuko Passini, Marcelo Martinelli, Tomoko Iyda Paganelli, Helena Copetti Callai, Nídia Pontuschka, Livia de Oliveira, Sonia Castellar, dentre outros.

Sobre a categoria geográfica **lugar** podemos afirmar que algumas investigações estudadas destacam-na como relevante nos anos iniciais do ensino fundamental. Os trabalhos dizem que o lugar toma importância com a globalização e, que este fator, incorpora outro sentido ao espaço geográfico mais próximo do sujeito, enquanto espaço do cotidiano.

No que se refere à Cartografia Escolar alguns dos trabalhos selecionados expõem que o mapa é importante e deve ser utilizado para realizar a leitura do lugar. No entanto, há que se ultrapassar a simples compreensão do mapa em si.

Sob nosso entendimento, os trabalhos selecionados apontam para uma Cartografia Escolar que tem a pretensão de aproximar a prática escolar com o que é vivenciado pelo aluno, propiciando a construção de conceitos de localização e orientação.

Alguns trabalhos colocam que a Cartografia Escolar é ciência e arte e, portanto, permite ao aluno elaborar ou interpretar cartas e mapas. Para finalizar, a cartografia é tida para alguns pesquisadores, como um campo do conhecimento que envolve e auxilia a Geografia Escolar na compreensão das relações do ser humano com o espaço geográfico.

## **REFERENCIAS:**

AGUIAR, Waldiney Gomes de. O processo de aprendizagem da cartografia escolar por meio da situação didática. FFLCH da Universidade de São Paulo. São Paulo 2013. (Tese de Doutorado).

BENEDICT, Katherine Cilae. Nas tramas das teias cartográficas: Cartografia com Crianças. Universidade Federal Fluminense, 2012. (Dissertação de Mestrado).

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n.66, p. 227-247, maio/ago.2005.

CASTELLAR, S. M. V. e MORAES, J. V. de. A linguagem cartográfica: possibilidades para a aprendizagem significativa. IN: PORTUGAL, J. F.; OLIVEIRA, S. S de; PEREIRA, T. R. D. S. (org.). **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas**. 1.ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. Ensino de Geografia. São Paulo: Cengage Learning, 2011. – (coleção ideias em ação / coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho). 1ª reimpr. da 1ª Ed. de 2010.

CAVALCANTI, L. de S. Geografia e práticas de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.

FERREIRA, Leiko Nemoto de Barcellos. Alfabetização cartográfica e formação do professor um aprendizado significativo. Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2012. (Dissertação de Mestrado).

FONSECA, Raquel Alves. Uso do Google Mapas como recurso didático para mapeamento do espaço local por crianças do Ensino Fundamental da cidade de Ouro Fino/MG. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 2010. (Tese de Doutorado).

HETKOWSKI, T. M.; PEREIRA, I. B.; NASCIMENTO, F. dos S.; PEREIRA, T. T. D. S. geotecnologias e as TIC no entendimento do espaço: uma experiência formativa na Educação Básica. IN: PORTUGAL, J. F.; OLIVEIRA, S. S de; PEREIRA, T. R. D. S. (org.). **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas**. 1.ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

LASTÓRIA, Andrea Coelho. Aprendizagem profissional de professores do ensino fundamental: o projeto atlas. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2003. (Tese de Doutorado).

LIMA, Alexander da Silva. Atlas escolar de Sumaré (SP): os saberes produzidos nas práticas pedagógicas cotidianas de uma professora do 4º ano do Ensino Fundamental. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 2013. (Dissertação de Mestrado).

LOCALI, Rafaela. Práticas docentes sobre ensino do lugar e cartografia escolar no contexto de uma pesquisa colaborativa: processos de uma construção. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008. (Dissertação de Mestrado).

MARTINELLI, M. Atlas geográficos para escolares: uma revisão metodológica. IN: ALMEIDA, R., D. de (org.). *Novos rumos da Cartografia Escolar: currículo, linguagem e tecnologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

MACHADO-HESS, Elizabeth de Souza. Uma proposta metodológica para a elaboração de Atlas Escolares para os anos iniciais do Ensino Fundamental: o exemplo do

município de Sorocaba - SP. FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. (Tese de Doutorado).

OLIVEIRA, R. A. Cartografia Escolar e as práticas docentes nas séries iniciais do ensino fundamental. São Carlos: UFSCar, 2003.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigo. A cartografia escolar e as práticas docentes nas séries iniciais do ensino fundamental. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2003. (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA Jr. W. Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive: linguagem fotográfica e atlas municipais escolares. IN: ALMEIDA, R., D. de (org.). **Novos rumos da Cartografia Escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

RIOS, K. A. N. e RIOS, R. B. Saberes cartográficos e ação social: ensino, representação/compreensão da Cartografia em comunidades tradicionais. IN: PORTUGAL, J. F.; OLIVEIRA, S. S de; PEREIRA, T. R. D. S. (org.). **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas**. 1.ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

ROSA, Odelfa. Geografia e Pedagogia: o professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental em Catalão (GO). Universidade Federal de Uberlândia, 2008. (Tese de Doutorado).

ROMANO, Sonia Maria Munhões. A formação docente e a construção do conceito cartográfico. FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SCHERMA, Elka Paccelli. Corrida de orientação: uma proposta metodológica para o ensino da Geografia e da Cartografia. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 2010. (Tese de Doutorado).

STRAFORINI, R. Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

TARGINO, Tania Maria Ferreira. Aquisição de conceitos cartográficos a partir do trabalho com o atlas escolar da cidade do Rio de Janeiro. FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. (Dissertação de Mestrado).

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artiruedis, 1998.